



GRANDE + PEQUENA 2

ESCOLA PREPARATÓRIA GONÇALO NUNES MAIO 1974

«Defende-te, Alcaide» A CIDADE DE BARCELOS

A escassos quilómetros de Barcelos, numa das encostas do Monte da Franqueira, situa-se o Castelo de Faria. Da sua origem, que se situa por alturas do reino cristão de Leão, pouco se sabe. Muitas das suas pedras serviram para edificação de um convento que existe no sopé do monte.

Assim, dessa fortaleza medieva praticamente nada nos resta.

Contudo, se do monumento nada nos ficou, na memória para sempre permaneceu um dos mais heróicos e honrados feitos ligados à História de Portugal.

Estava-se no reinado de D. Fernando.

Este, pode dizer-se, foi um dos reis politicamente mais infelizes da nossa História.

O povo, à frente do qual se tinha colocado Fernão Vasques, já se havia revoltado por causa das suas relações com D. Leonor Teles. Apesar disso, D. Fernando casava-se com ela, às ocultas, numa igreja de Leça do Balio, o que mais desgostou o povo. Não contente com isso, enreda-se na disputa da coroa castelhana. Chega mesmo a invadir a Galiza.

Por isso, os castelhanos vêm pôr cerco à cidade de Lisboa.

Nesta ocasião, também um exército galego, comandado por Pedro Rodrigues Sarmento, invade a província de Entre-Douro-e-Minho, chegando às proximidades de Barcelos.

Aí, um exército português, comandado pelo Conde de Seia e auxiliado pelo Alcaide-Mor do Castelo de Faria, vai no encalço deles. Trava-se uma dura batalha, da qual sai prisioneiro o Alcaide. Então, este começou a dizer que

(Continua na página quatro)

Barcelos é a cidade onde nasci e em que vivo.

É, essencialmente, um centro industrial.

Assim, as fábricas são abundantes.

Mas não só.

Também urbanística e comercialmente ela evolui.

Cada vez existem mais casas comerciais, dando à nossa cidade bastante valor.

No campo turístico, temos já alojamentos agradáveis para os estrangeiros que visitem Barcelos, nas épocas festivas.

Além disso, existem as belezas naturais, os costumes, as tradições.

A construção civil progride.

Por exemplo, no plano escolar, contruiu-se, há pouco tempo, o Ciclo Preparatório e está em construção a Escola Industrial e Comercial. Temos também o Liceu.

Erguem-se, outrossim, grandes prédios para habitação.

Também têm importância os monumentos, como: a Igreja do Senhor da Cruz, as ruínas dos Paços dos Condes-Duques de Barcelos, a Igreja do Terço e a Ponte romana sobre o Cávado.

Resumindo: Barcelos, embora crescendo lentamente, continua abrindo novos caminhos para o futuro.

MACHADO MIRANDA

1.º Ano — S

ENTREVISTA COM O NOSSO DIRECTOR por 4 alunas do 1.º F

— Poderá dar-nos, para o nosso Jornal, a identificação completa: nome, idade, habilitações académicas, título de Director, tempo de serviço, etc.

— Laurindo de Araújo Oliveira, casado, 35 anos de idade, natural da freguesia de Cervães, concelho de Vila Verde e residente em Arcozelo — Barcelos. Tenho o Curso Superior de História; como habilitação pedagógica, tenho o Curso de Ciências Pedagógicas e o Exame de Estado. Sou Professor há seis anos e iniciei a minha carreira docente no Liceu Nacional de Leiria.



— Que acha da nossa nova Escola e como gostaria de ver os alunos deste Estabelecimento de Ensino?

— Eu acho que a nossa Escola é uma escola moderna que contém todos os re-

(Continua na página cinco)

O dia 25 de Abril ficará indelevelmente marcado como data de acontecimento de vulto na História de Portugal, quaisquer que venham a ser as consequências políticas, e logo sócio-económicas, decorrentes do Movimento das Forças Armadas eclodido às primeiras horas da madrugada daquele dia memorável. Foi o para nós e constituirá também motivo de espanto e exemplo dignificante, para os vindouros, a circunstância feliz de ter acontecido este sem se ter vertido uma gota de sangue e sem que o ritmo normal da vida dos portugueses tivesse sido, por isso, alterado.

Que a serenidade e o sentido das responsabilidades continue na ordem do

O Movimento de 25 de Abril

dia e na vontade de todos os portugueses, pois é condição essencial para que a Junta de Salvação Nacional e, com ela, todos os homens de boa-vontade possam realizar a renovação para o progresso e prestígio do Portugal Novo. A forma exemplar de serenidade e maturidade cívica de que a Nação deu provas nas horas primeiras e mais críticas

da Revolução são a garantia segura de que as reformas tendentes à instauração da autêntica democracia, baseada na paz e na ordem social, no respeito mútuo e na consciência dos direitos, mas também dos deveres de cada cidadão, decorrerão igualmente dentro dum clima de paz e tranquilidade, reflexo da paz das consciências e dos propósitos sinceros que nos animam de congregarmos esforços para as grandes tarefas a realizar. Para tal será já muito que cada um se entregue às suas tarefas diárias, com zelo e dedicação, conscientes de que a hora é mais de acção do que de palavras.

(Continua na página dois)

O «25 DE ABRIL» visto pelos alunos

O dia 25 de Abril foi para mim a mudança de um governo fascista para um governo democrático...

O povo português foi o mais importante neste golpe, aceitando tudo o que se estava a passar. Graças ao povo, esta mudança foi um verdadeiro exemplo na história do mundo...

ABREU — 2.º A

Para mim o 25 de Abril é o início da liberdade. O antigo governo fascista caiu. O Estado e os insolentes ministros perderam a força...

JOAQUIM PINHEIRO — 2.º A

Para mim foi a libertação de Portugal da situação em que se encontrava. Estava muitíssimo mau, não só em relação ao Governo, como também em relação ao custo de vida...

ANDRADE — 2.º A

Para mim o 25 de Abril foi um dia que ficará célebre. Há tantos, tantos anos que estávamos debaixo de um domínio de tiranias; agora, graças às Forças Armadas, tudo será melhor, pois conseguiram a liberdade tanto para o exército como para o Povo Português.

DAVID — 2.º A

Para mim o dia 25 de Abril foi o dia mais extraordinário que vivi.

Dou votos às Forças Armadas.

Estou absolutamente de acordo com a extinção da P. I. D. E. Também estou satisfeito com a libertação dos presos políticos e com a vinda dos homens afastados do nosso país, como Álvaro Cunhal, Rui Luís Gomes e muitos outros...

FRANCISCO — 2.º A

Para mim o dia 25 de Abril foi um dia de ataralhão e de alegria.

Ataralhão, porque muitas pessoas (eu incluída) não sabiam o que se tinha passado, apenas sabiam que tinha havido um golpe de Estado.

Alegria, porque deixámos de ser governados pelo partido fascista...

AMÉLIA — 2.º D

O MOVIMENTO DE 25 DE ABRIL

Continuação da página um

Pela parte que nos toca, continuaremos a cumprir a alta missão de educar e instruir a Juventude, adestrando-a para enfrentar a vida e para sua realização integral, a nível individual e a nível colectivo, de que resultará o Portugal de amanhã.

Saudamos a Junta de Salvação Nacional e as Forças Armadas, e ao prestigioso chefe militar, soldado destemido e hábil político, sr. general António de Spínola, sobre quem impende a responsabilidade da orientação dos novos destinos do País. Auguramos as maiores felicidades e que encontre a colaboração de todos os homens honestos, realmente desejosos do guiar o País e o Povo português a um lugar digno do contexto das Nações mais evoluídas.

LAURINDO A. OLIVEIRA

O amor e o ódio

O ódio...

A palavra mais cruel de todas

O contrário de todas as palavras boas do mundo!

O ódio...

Que palavra!

O significado dos males

E o mal não é bom.

Por que é que há ódio?

Porque é que há ódio?

Porque não há só Amor?

Que bom seria se não houvesse ódio,

Se apenas existisse o Amor...

Que maravilha se pairasse apenas o Amor entre os homens.

O Amor...

Que palavra bonita...

Por vezes não sabemos o seu significado.

Só quando sofremos

Comprendemos

O que é o Amor.

Maria do Céu Amaral — 2.º Ano — G

Maria do Fátima Rodrigues Miranda — 2.º Ano



A MINHA IDA AO FOTÓGRAFO

No dia 19 de Novembro de 1973 fui tirar uma fotografia para mandar para as minhas tias de Luanda. Vesti o meu fato e calcei os sapatos novos. Todo calmo, aí vou eu!

Encontro o meu amigo e primo Albérico e então ele pergunta-me:

— Onde vais?

— Vou à «Galeria 3», para tirar 6 fotografias.

— Para quem são as fotografias?

— Para as minhas tias que estão em Luanda.

— Para que querem elas as fotografias?

— Para me conhecerem, pois ainda não me conhecem.

— Então, até logo.

— Até logo.

Sigo o meu caminho e chego à «Galeria 3». Digo ao senhor que estava lá, para me tirar 6 fotografias e que, depois, o meu pai as pagaria. O senhor levou-me para a frente da máquina e, então, pôs-me numa posição frontal à máquina. Diz ele:

— Calma. Só mais um bocado.

Um, dois, três. Já está!

Então, depois de lhe dizer o nome de meu pai, fui-me embora.

Dias depois, recebia as fotografias.

Henrique Manuel — 2.º G

UMA DESFOLHADA MINHOTA

Apreciar bem de perto a alegria e azáfama de uma desfolhada numa aldeia minhota é algo de maravilhoso e belo.

O milho, de palha seca, é lançado nas eiras ou debaixo dos pitorescos alpendres ou cobertos, de salpicado granito, onde as moças e os rapazes da aldeia, em desusado labor, se lançam, entusiasmados, na execução da tarefa. Separam, com rapidez, as espigas cor de ouro da palha que vai, mais tarde, servir para alimento do gado bovino, tão frequente na nossa região.

Outras moçoilas, alegres, carregam as mesmas em típicos cestos de vime, com duas asas, e transportam-nas para as eiras, onde vão ser acabadas de secar pelo calor do sol e, depois, malhadas. Isto é hoje feito em máquinas próprias, pois são raras as terras onde se fazem ainda as encantadoras malhadas.

Durante as desfolhadas, é frequente ouvirem-se lindos cantares tradicionais e, quando aparece a espiga do «milho rei», não faltam beijos e abraços, que traduzem bem a pureza da gente minhota.

Canta a moça:

«Minha mãe, case-me cedo,

Enquanto sou rapariga.

O milho sachado tarde,

Não dá palha nem espiga!»

No fim, aparecem as apetitosas sardinhas fritas, bem quentes, que são saboreadas com gosto e comidas sobre a fatia de borra de milho, feito na véspera, nos típicos fornos das casas, onde se vê a mão cozinheira da dona de casa.

Não falta também a tigela do vinho verde que rega, com sofreguidão, a garganta ressequida pela poeira da palha, dando alegria a todos os presentes.

Assim acaba a desfolhada, por vezes já de madrugada, e todos se despedem, debaixo da mais sã e boa amizade.

Maria Paula Amaral Ferreira

2.º Ano — N

Entrevista com o nosso Director (Cont. da pág. 1)

quisitos essenciais para que Vocês possam realizar-se como pessoas capazes de satisfazer todas as vossas necessidades e anseios, quer sob o ponto de vista intelectual, quer mesmo sob o ponto de vista social e moral, portanto, educativo. Gostaria que a nossa Escola mantivesse sempre actualizados os métodos de educação e que esta educação tivesse por princípio fundamental o respeito pela personalidade dos alunos. Assim, haveria sempre uma compreensão e respeito recíprocos entre colegas e entre professores e alunos. Uma preocupação fundamental desta Escola é não a dissociar da vida, abrindo-a aos ambientes afectivos, culturais e sociais que caracterizam a época em que vivemos. Não esquecer, todavia, que a Escola deve apenas — e sempre ser sensível a tudo aquilo que possa contribuir para a formação das pessoas, quer como indivíduos, quer como elementos da sociedade.

— Qual a frequência de alunos?
— Gosta de conviver com eles?

— Frequentam a sede 1 050 alunos; a Secção de Viatodos abriu e funcionou este ano com cerca de 200 alunos.

Um professor tem necessariamente de conviver com os alunos, ou o seu papel não fosse também, e principalmente, o de educador; só a aprendizagem já requer diálogo e conhecimento profundo do aluno, mas o professor é essencialmente educador; portanto, o contacto permanente com o aluno é indispensável, para melhor auscultar os processos de o integrar na vida da Escola e da Sociedade.

— Que soluções procuraria para uma melhoria do ensino, se tivesse bastante dinheiro?

— Se fosse rico e tivesse dinheiro bastante, a ponto de poder suprir algumas das necessidades desta Escola, eu aplicá-lo-ia, em princípio, na satisfação das necessidades materiais dos alunos mais carecidos de recursos económicos.

Depois, e seguindo ainda um critério de prioridade, dotaria a Escola do material didáctico áudio-visual mais moderno, para tornar a aprendizagem o mais agradável e eficiente possível. Finalmente, e se ainda me restasse dinheiro para tal, como já dispomos de um bom e bem apetrechado ginásio, construiria uma piscina, pois considero a natação um complemento indispensável da educação física. Mesmo sem dinheiro, é uma esperança que acalento: a construção, hesta Escola, de um tanque ou de uma piscina de natação.

— Quais as dificuldades maiores que encontra na direcção desta Casa?

— Não encontro dificuldades de maior, felizmente, a não ser aquelas que são inerentes à orientação pedagógico-administrativa dum Estabelecimento de Ensino que já comporta uma frequência um pouco exagerada para as instalações de que dispomos. Mas estes problemas são normais e, de um modo geral, comuns à maior parte dos Estabelecimentos de Ensino.

Tenho preocupações permanentes, como sejam, por exemplo, a constante actualização e adaptação do Corpo Docente aos novos métodos de ensino; a sua dedicação integral à Escola, que, o mesmo é dizer, aos alunos; a perfeita funcionalidade de todas as instituições que aqui criámos para servir as crianças; uma consciencialização cada vez maior das responsabilidades que impendem sobre o professor como educador e agente da aprendizagem, não esquecendo também as suas responsabilidades perante a Nação, cujas virtudes dependem, em grande parte, da sua acção na Escola.

Agora, que nos aproximamos do final do terceiro período, a minha preocupação está num desejo veemente de que todo o trabalho por vós realizado e pelos senhores Professores, ao longo deste terceiro período, venha a ser justamente recompensado por uma justa

valorização, para alegria vossa, dos vossos pais e da Escola.

— Quais serão as maiores alegrias?

— A minha maior alegria é a consciência que tenho de ter sempre dedicado todo o meu zelo e capacidade ao vosso bem-estar na Escola.

Assim, sinto um enorme conforto ao contactar todos os dias com a boa disposição e alegria desta multidão de jovens que são a razão de ser desta grande família da Escola Preparatória Gonçalo Nunes.

Alegra-me também o vosso bom comportamento, quer dentro, quer fora da Escola. Sou igualmente sensível ao facto de a nossa Escola dispôr de um Corpo Docente trabalhador, interessado e receptivo à orientação pedagógica-didáctica mais conveniente e que dedica aos alunos todo o seu esforço, amor e compreensão.

— Que pensa da Reforma do Ensino que se está a operar em Portugal?

— Eu penso que a Reforma do Ensino que se está a operar em Portugal é uma obra grandiosa, em extensão e profundidade, absolutamente necessária. Era urgente, na verdade, remodelar todo um sistema educativo que se mostrava anacrónico e que não correspondia às aspirações dos indivíduos e às necessidades do País. Era necessário tornar o ensino extensivo a todas as camadas da população, independentemente das suas condições sócio-económicas e torná-lo efectivo através do encontro da Escola com as populações, mesmo as mais distantes dos centros da civilização e da cultura. É igualmente necessário vivificar as instituições educacionais através de sangue novo, de novos métodos e programas, em todos os níveis da instrução.

A obra está em marcha e continuará imparavelmente, graças à tenacidade, inteligência e coragem de homens clarividentes que sabem que o progresso sócio-económico de um país está directamente relacionado com o nível de instrução e cultura dos seus cidadãos.

— Uma última pergunta: como irá ficar definitivamente estruturado o Ensino, depois dessa Reforma?

— Muito resumidamente, vou traçar as linhas gerais da nova estrutura do Ensino em Portugal.

Após a Reforma, haverá três níveis de Ensino, a saber:

1) Ensino Básico, que compreenderá dois ciclos de quatro anos cada um; o primeiro será o Ciclo Elementar, ministrado nas Escolas Primárias; o segundo, será o Ensino Preparatório, ministrado em Escolas Preparatórias como a nossa. Este Ensino Básico virá a ser precedido, a maior ou menor prazo, pela Educação pré-escolar.

2) Ensino Secundário: este ficará dividido também em dois cursos de dois anos cada um: o primeiro será o Curso Geral onde não haverá ainda a preocupação da orientação profissional; o segundo curso chamar-se-á Complementar

(Continua na página dez)



Os Jovens e a Família

O Povo, em geral, não se cansa de dizer que os jovens são muito difíceis — referindo-se aos do tempo actual —, que os de tempos transacidos não eram assim, havia mais respeito mútuo, mais alegria, mais comunicabilidade entre velhos e novos; enfim, um sem número de coisas...

Acredito em tudo que dizem aquelas pessoas que são pais, avós e por aí fora. Só não acho que pensem bem ao querer comparar-nos com eles — porque faço parte dessa grande massa de jovens —, e vou dizer o que me parece mais certo.

Em primeiro lugar, temos o problema de o tempo não parar — que, afinal, não é problema algum — e, se assim é, com ele avança a ciência, e a forma de pensar de cada um acompanha-o. Também é certo que a ignorância vai diminuindo. Para isso têm contribuído os Estabelecimentos de Ensino e a Imprensa.

Se — não só os jovens, mas todos — procurassem acompanhar este progresso, não haveria tanta distância entre pais e filhos, pois compreender-se-iam melhor uns aos outros.

Por que hão-de ser os professores ou os livros a ministrar-nos conhecimentos de coisas que a deviam ser pelos pais e, na falta destes, pelos encarregados de educação?

Para isto há uma hipótese: — Se os educadores negam os ensinamentos mais rudimentares e os educandos os encontram nos livros ou nos amigos, deixam de sentir necessidade de se abeirar deles, para passarem a fazer parte duma massa sua favorita. Isto é muito triste!...

Ainda temos os pais que se negam a responder aos filhos coisas que lhes são perguntadas e do seu conhecimento.

Já se fazem «Cursos para Pais» e outras coisas do género, mas a sua frequência é voluntária. Está mais que visto que quem procura participar neles são os pais mais interessados em tentar desempenhar, o melhor possível, o seu papel; os outros, aqueles que disso têm mais necessidade, não dão importância a tais coisas e dizem que no tempo dos seus antepassados não era necessário ensiná-los. Até parece uma humilhação para eles!...

Bom seria que se fizesse mais no sentido da preparação dos casais, tornando-os conscientes da importância do ambiente familiar e do apoio moral que dão aos filhos, pois isso seria meio caminho andado para o bem estar de todos. Porque, em geral, é a família a responsável pelos bons ou maus jovens.

LEOPOLDINIA
2.º Ano-A — Supletivo

UM SORRISO

6

— A Dona Alzira nem calcula como fiquei, quando me roubaram a malinha de mão...

— Já sei como ficou!... Ficou sem ela...



Joaquim José Figueiredo Dias — 2.º-A

Sonhei ser poeta

Perdido nas margens do tempo
Sonhei ser poeta...
Tentei descobrir o que era
A vida secreta...
Poesia é esperança
Daquelles que não a têm...
Poesia é a lembrança
No fundo do coração...
O poema é o amor
Que ajuda a recordar...
Com poesia é mais fácil
O homem poder amar...
Eu sinto-me mais alegre
E com mais aspiração
Porque sonhei ser poeta
Com a caneta na mão.

FRANCISCO
2.º Ano-A — Supletivo

O MINHO

*Terra doce, abençoada,
De mimosas em flor...
Terra bela e perfumada
Onde existe tanto amor...
Em ti, terra do meu país,
Desde os pinheirais à serra
Não há um palmo de terra
Que não tenha em ti raiz...
Doces terras deste Minho
Onde está meu coração
Riem latadas de vinho,
Verdejam campos de Pão.*

FRANCISCO
2.º Ano-A — Supletivo

Para andar lhe pus a capa
E firei-lha para andar.
Ele sem capa não anda
E com ela não pode andar.

MARIA CRISTINA MAGALHÃES
2.º — F

(Ver solução na página dez)

Duas mães com duas filhas
Vão à missa com três mantilhas.

ADILIA MACEDO
2.º — N

(Ver solução na página três)

A Cidade de Barcelos

Nascida na cidade de Barcelos e nela criada, devia estar preparada para narrar muita coisa sobre a mesma. Mas, como não sou jornalista nem nada que a tal se assemelhe, vou dar aqui uns breves apontamentos sobre ela, que, embora haja quem tenha opinião contrária, para mim é das mais belas cidades do Minho, senão a mais bonita. Por isso lhe chamam «Rainha do Cávado», não só por ser banhada por este, mas por merecer apelar-se assim.

Falando da sua história, há a anotar o seu passado glorioso. Barcelos teve o seu Condado, do qual nos podemos certificar através de algumas ruínas e edifícios ainda existentes, considerados monumentos nacionais, como: Torre de Menagem; residência dos Condes-Duques de Bragança; Colegiada; ponte sobre o Cávado, etc., que são orgulho de todos os Barcelenses.

Por cá passou o grande herói Nuno Álvares Pereira, existindo ainda a casa onde ele se recolheu a quando da sua estadia nesta cidade.

Podíamos também falar de Gonçalo Nunes, figura que se salienta, em destacado plano, na história de Barcelos e de Portugal.

Não podia deixar de falar ainda no artesanato desta terra, que é um dos maiores atractivos para os turistas. Neste, podemos apreciar, entre outros, trabalhos de olaria, cestaria e os jugos. Porém, de todas as artes praticadas pelos barcelenses, a que mais se destaca é a primeira, a qual tem espalhado por todo o mundo o tão famoso «Galo de Barcelos».

LEOPOLDINA

2.º Ano — A — Supletivo

Alfredo Manuel Oliveira — 2.º - L ▶

NATUREZA

Se eu pudesse saber
De que é feita a Natureza!...
Se é de alegria ou tristeza?!...
Disto nada eu posso ver...
Só vejo esta beleza
Que não consigo esquecer
Pois isto que me rodeia
É que me faz lembrar
Que existe um Ser infinito
A quem devemos amar...
Por que existe tanta maldade
E tanta indignidade
Neste paraíso perdido
Que Ele nos deu com bondade?...
Porquê tanta pobreza,
Porquê tantos e tantos homens
Que não sabem olhar
A tão bela Natureza?...
Senhor:
Perdoai aos que Vos ofendem...
Vós compreendeis
Os que Vos não compreendem...

FRANCISCO

2.º Ano-A — Supletivo

Ruínas esquecidas

Fui ver um castelo antigo,
Desmoronado, em ruína,
Perto havia um alio monte
E, ao lado, linda colina.

Fitei-o e, de repente,
O castelo velho e desfeito
Provocou em mim tristeza!...
Logo a senti em meu peito...

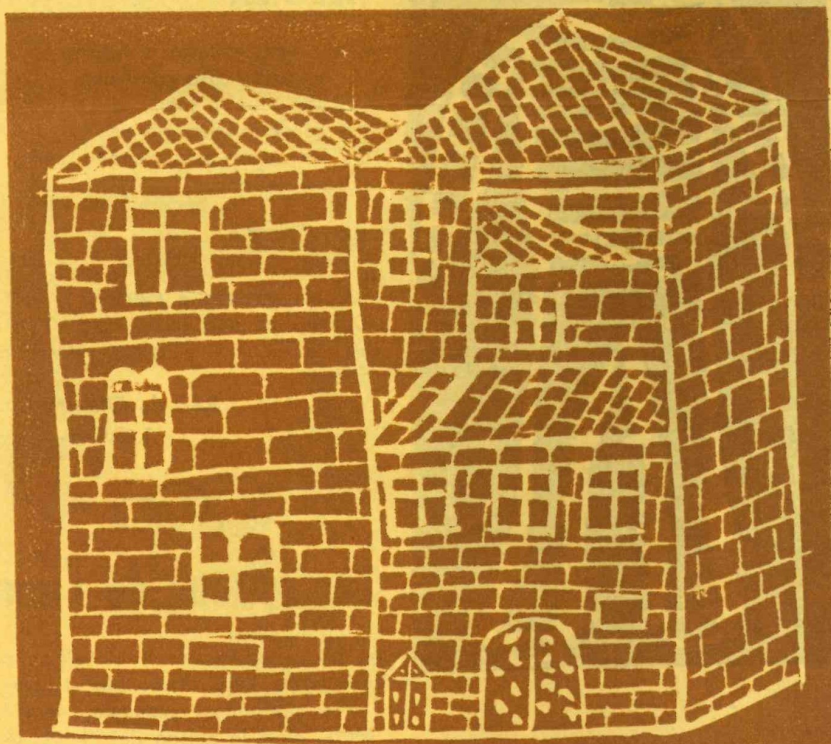
Em tempos fôra preciso,
E agora vivia à toa
Entregue à chuva, e ao vento
E ao tempo que não perdoa.

Pobre, triste e abandonado
Ninguém lhe deitara a mão.
As pedras do seu penar
Sinto-as no meu coração

Fui ver um castelo antigo
Virado a uma cidade...
Castelo que és meu amigo,
Testemunho da verdade.

FRANCISCO

2.º Ano-A — Supletivo



O GOLPE DE ESTADO - 25 DE ABRIL

Para mim, esta gloriosa data de 25 de Abril de 1974 ficou-me gravada no íntimo.

Creio que este «Golpe de Estado» irá dar uma grande mudança em Portugal continental e ultramarino.

Julgo também que irá haver passagem para uma melhoria social, sobretudo económica. Quer fique o General Spínola ou qualquer outro no Governo o que é preciso é que haja uma melhoria de situação para todos os portugueses.

O povo português não estava contente com o

Governo anterior. Estávamos a necessitar de alguns alimentos; e estes os grandes capitalistas possuíam-nos armazenados até os deixarem estragar. Assim aconteceu com bacalhau, batatas, etc.

Uma grande ideia gostava eu que o Governo tivesse: ou baixar o preço de todas as mercadorias, ou subir a todos os ordenados baixos.

FRANCISCO SOUSA SILVA

2.º A — Supletivo Nocturno

Toada de Primavera

Como é bonito ver as plantas a puxar as folhas, as flores, os frutos!

Mas ainda mais bonito é ver o sol nascer no meio das árvores, como eu vejo da janela do meu quarto.

O sol nasce e fura aqui, fura ali e consegue sempre passar pelo meio delas! Então ponho-me a pé, pego numa cadeira, e vou para o quintal até ao meio-dia!

E sinto-me tão feliz!

De tarde, eu e o meu irmão, sentamo-nos à sombra das árvores e jogamos às cartas.

E ali estamos até irmos lanchar. Depois, vamos ver o pôr-do-sol!

Gosto tanto de passar assim os meus dias de Primavera!

Carvalho Barbosa — 2.º B



Carlos Roberto — 2.º C

Meditação

Alegria, são os passarinhos a cantar num dia de Primavera.

São as andorinhas a esvoaçar.

Alegria é ver as flores do meu jardim todas arrebitadas e contentes... É ver as ovelhinhas atrás da mãe. É fazer uma festinha em casa... Mas sin'o uma grande tristeza quando um menino vai aos ninhos e os passarinhos ficam tristes porque lhes tiraram os seus filhos.

É triste ver as flores do jardim todas murchas.

É também triste uma pessoa morrer.

É triste ver toda a gente de olhos no chão...

Augusto Martins — 2.º Ano

A minha aula de Religião e Moral

Consideramos a aula de Religião e Moral uma das mais importantes. Nela se fala de Deus, ensinando-nos a ser bons como Ele.

Religião e Moral ajuda-nos a ser mais Cristãos e, ao mesmo tempo, faz-nos lembrar os deveres que temos para com o nosso próximo.

Religião e Moral é falar não só da vida de Cristo, mas também da vida do Homem.

A disciplina de Religião e Moral tem um centro fundamental que é a Igreja.

Consideramos a Igreja uma sociedade de verdadeiros cristãos, de homens entre os quais ainda reina a amizade.

Por isso, achamos que, tanto em Portugal como em todo o mundo, deveria haver muitas Igrejas Católicas.

Maria Teresa
Manuel Francisco
Carlos Alberto

1.º ANO



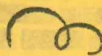
ALEGRIA

É ver uma criança a nascer
Ver a nossa casa construída
Passear à beira mar
Ver as andorinhas no ar
Os melros nos seus ninhos a cantar
Passar de ano.

TRISTEZA

Ver um pássaro a morrer
O fogo pegado numa casa
Ver o menino a atirar pedras a um pobre.

José de Oliveira Campos
1.º Ano — Turma F



Les saisons de l'année

Il y a quatre saisons dans l'année: le printemps, l'été, l'automne et l'hiver.

Le printemps commence vers le 21 Mars: c'est la saison des fleurs. Les oiseaux chantent.

Au printemps, il ne fait plus froid et il ne fait pas encore trop chaud.

L'été commence vers le 21 Juin: c'est la saison des grandes chaleurs. Je vais au bord de la mer. Je m'amuse avec mes camarades.

L'automne commence vers le 21 Septembre: c'est la saison des récoltes.

Les laboureurs cueillent les fruits et font les vendanges.

L'hiver commence vers le 21 Décembre. C'est la saison de la neige, du froid, etc..

Le printemps et l'automne sont les deux saisons les plus agréables de l'année.

Aparício Gomes de Oliveira — 2.º Ano

Os macacos

Uma vez fui a Lisboa.

Percorremos quase tudo, mas o mais importante que vimos foi o Jardim Zoológico.

Calhei de estar à beira dos macacos e comer bananas; pois os macacos estavam sempre a olhar para mim, e eu dei uma banana ao mais velho. O macaco acabou de comer a banana e atirou-me a casca. Eu peguei nela outra vez e atirei-a ao macaco, e ele atirou-me para mim. E ali estivemos a atirar a casca um para o outro.

Depois, veio o meu pai e deu-me duas bofetadas.

Mais tarde é que eu fiquei a saber que os macacos eram muito inteligentes!...

Eu ainda fui outra vez à beira dos macacos e eles começaram a fazer troça de mim por eu ter apanhado duas estaladas do meu pai.

Quando vinha embora, pensei sempre nos macacos. Como eles eram espertos!...

Depois, já nunca mais quis nada com os macacos.

David da Costa Araújo — 1.º Ano

Que bom se existisse só o amor...

Eu acho que o Amor é uma coisa maravilhosa. Se toda a gente se amasse, não existia ódio nas pessoas. Muitas vezes, o ódio que luta contra o Amor, vence, mas, mesmo assim, há outras vezes em que o vencedor é o Amor. Se não existisse o ódio, as pessoas não se matavam, não existiam bombas atómicas, nem guerras, nem nada que prejudicasse os seres humanos.

Maria Glória Magalhães — 2.º Ano — G



Domingos da Fonseca — 2.º - A



Ana Paula Vasques de Carvalho — 2.º - A

A Feira de Barcelos

Quarta-feira: véspera do acontecimento.

Já pela volta das 7 horas da tarde homens e mulheres fazem os preparativos, armando tendas, martelando na madeira e ajeitando as camas onde nessa noite dormirão.

Quinta-feira, muito cedo, já o grande campo está cheio de feirantes, que expõem os seus artigos.

Quando o sol rompe, já a feira tem muito movimento.

Neste dia, Barcelos é muito visitada por forasteiros e turistas que adoram as pitorescas louças e os afamados galos regionais.

Nesta feira há de tudo e de tudo se vende — as verdes e viçosas hortaliças, vestuário colorido de tons berrantes, que alegam as tendas onde se encontram dependurados.

Sete horas — fim da tarde. O sol bate somente numa ou noutra tenda. Os comerciantes desmontam as barracas para partirem.

Aquela multidão enorme rapidamente desaparece, regressando a suas casas, em busca de repouso. No dia seguinte, outra feira começa para eles.

O campo da Feira tem o aspecto de uma vila despovoada, com árvores tristes, ondulando ao sabor do vento.

Barcelos ficou como era antes do começo da feira.

TRABALHO COLECTIVO DA

Turma C — 2.º Ano

A Cerâmica

Barcelos é uma região conhecida principalmente pela sua cerâmica.

Os turistas, quando vêm a Barcelos, não dispensam o tradicional e regional Galo de Barcelos.

Barcelos é conhecido pelo Galo e também pelos seus fabricantes, onde se destaca a conhecida Rosa Ramalho, senhora idosa, mas alegre e trabalhadeira.

É uma grande figura da cerâmica desta cidade.

Esta senhora é mãe; o seu marido já morreu.

Ainda não tinha começado verdadeiramente a sua carreira, ela passou uns maus bocados na vida, pois suportou muita fome e, principalmente, a preocupação de alimentar os seus filhos, que é o cuidado maior de uma mãe verdadeira.

Mas ela começou, pouco a pouco, a subir e os seus trabalhos são conhecidos em todo o mundo.

Tem cinco filhos no mesmo trabalho e oxalá venham a ser tão conhecidos como a mãe.

Mas Barcelos não tem só a Rosa Ramalho a trabalhar em barro; tem também outras pessoas que sabem bastante, mas não têm tanta imaginação e experiência como ela.

Ana Maria Vilas Boas

2.º Ano — P

Viva o Alcaide de Faria
Que pela sua lealdade
Deu a vida pela Pátria
Com mostras de heroicidade.

Lá do alto da Franqueira
Grande luta se travou.
E o Alcaide de Faria
Pela Pátria se entregou.

Joaquim Manuel — 2.º Ano A

Alimentação Racional

Muitas pessoas, no nosso país, ignoram que o género de alimentação que utilizam pode ser mais ou menos útil à saúde. Especialmente no campo, a alimentação é completamente irracional. O lavrador, possuindo um dos alimentos mais completos — o leite — em vez de o dar aos filhos, é capaz de o substituir por uma malga de vinho ou de caldo, e vender o leite, ignorando o seu valor nutritivo, que contém, além de vitaminas, hidratos de carbono, proteínas, sais minerais, gorduras, etc..

Nós, barcelenses, que temos uma feira rica em frutas e legumes, e que podemos aproveitar a época em que estamos para fazer uma alimentação racional, baseada em frutas e saladas, quer de alface, de agriões, quer de tomate, cenoura, etc., muitas vezes não o fazemos, por não estarmos devidamente esclarecidos quanto ao género de alimentos que nos podem enriquecer a saúde, tornando-nos mais robustos e saudáveis.



M. do Sameiro Lombo Senra — 2.º - L

SOLUÇÕES

Água do poço

Cebola

Relógio

Telhado num dia de chuva

JOÃO DA COSTA CAMPOS

2.º — F

Paulo Jorge — 2.º Ano — G

Se...

- Se tu podes impor a calma quando aqueles
Que estão ao pé de ti a perdem, censurando
À tua teimosia nobre de a manter...
- Se sabes aguardar sem ruga e sem cansaço
Privar com Reis continuando simples
E na calúnia não recorreres à infâmia
Para com arma igual e em fúria responder,
Mas não aparentar bondade em demasia
Nem presumir de sábio ou pretender
Manifestar excesso de ousadia...
- Se o sonho não fizer de ti um escravo
E a luz do pensamento não andar
Contigo num domínio exagerado...
- Se encaras o triunfo ou a derrota
Serenamente, firme, e reforçado
Na coragem que é necessário ter
Para ver a verdade atraçoada,
Caluniada, espezinhada, e ainda
Os nossos ideais por terra — mas erguê-los
De novo em mais profundos aliaerces
E proclamar com alma essa Verdade...
- Se perdes tudo quanto amealhaste
E voltas ao princípio sem um ar
Um lamento, uma lágrima, e sorrindo
Te debruçares sobre o coração
Unindo outras reservas à Vontade
Que quer continuar, e prosseguindo
Chegar ao infinito da razão...
- Se a multidão te ouvir entusiasmada
E a virtude ficar no seu lugar...
- Se amigos e inimigos não conseguem
Ofender-te, e se quantos te procuram
Para contar com o teu esforço, não contarem
Uns mais do que outros — olha-os por igual...
- Se podes preencher esse minuto
Com sessenta segundos de existência
No caminho da vida percorrido
Embona essa existência seja dura
A força das tormentas que a consomem —
Bendita a tua essência, a tua origem
— O Mundo será teu, e tu serás um Homem!

KIPLING — Tradução de ANTÓNIO BOTTO

As Festas das Cruzes

Quem não conhece as lindas Festas das Cruzes, na encantadora cidade de Barcelos, cidade minhota que tão admirada é por todos que a visitam?

Destacam-se entre as alegres romarias do nosso pitoresco Minho e chamam à nossa terra milhares de pessoas, que aqui vêm admirar não só os números tão apreciados por eles, como até pelos próprios barcelenses.

Nesses dias, ninguém se cansa de folgar.

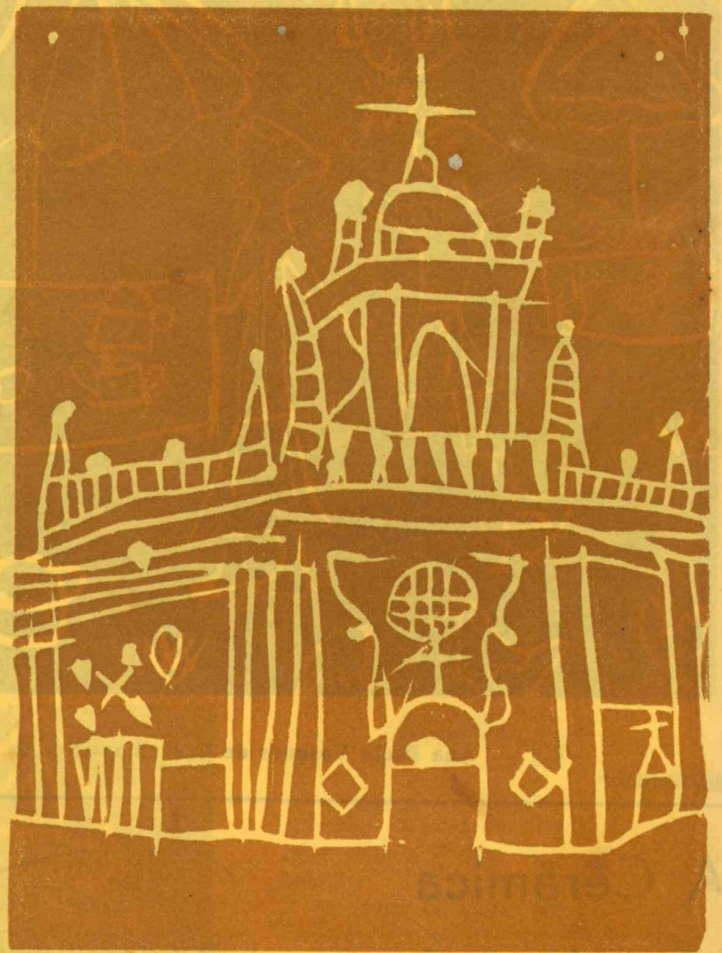
Desde os típicos «Zés P'reiras», gigantones e cabeçudos às lindas iluminações e fogos dignos de apreço, desde os cortejos rústicos com o seu artesanato em exibição à linda batalha de flores e à magistosa procissão, tudo é belo.

Barcelos apresenta-nos um espectáculo digno de admiração para qualquer português ou estrangeiro e nós temos orgulho em ser barcelenses.

Avante, gente de Barcelos!

Sem parar, trabalhai por esta terra de Heróis e Santos!

Isabel Espírito Santo — 2.º Ano — P



Manuel Serafim da Silva
Fernandes Lopes — 2.º-C

A Lenda das Cruzes

Existem várias lendas acerca da Festa das Cruzes. Esta que apresento é uma delas.

Conta-se que, há mais de quatrocentos anos, certo dia, uma velhinha queria cozer o pão, mas faltava-lhe a lenha. A pobrezita foi junto ao rio Cávado buscá-la.

Depois de ter arranjado um bom feixe, levou-o para casa. No fim de ter preparado a massa, meteu a lenha no forno, verificando que grande parte da lenha saltou dele. Logo correu esta notícia através da vila, hoje cidade de Barcelos.

Daí a muitos anos, dessa lenha se veio a fazer uma cruz. E muita gente diz que para que seja pintada, a tinta não agarra.

Já experimentaram tirar a cruz do templo do «Bom Jesus da Cruz», mas, com grande espanto, verificaram que ela começou a crescer. Há quem diga esta pequena quadra:

*«O Senhor de Matosinhos
Mandou dizer ao de Fão
Para dizer ao de Barcelos
Que são todos três irmãos».*

E, de geração em geração, são contadas as lendas das Cruzes, sendo esta acima descrita uma das mais engraçadas.

Maria Teresa Mota Vieira

1.º Ano — A

A LENDA DO GALO

Certo dia, apareceu um galego que se tornou suspeito de crime e as autoridades resolveram prendê-lo. Apesar dos seus juramentos de inocência, ninguém julgava crível que se dirigisse a S. Tiago de Compostela, em cumprimento de uma promessa, nem mesmo que fosse fervoroso devoto do Santo que em Compostela se venerava, assim como de S. Paulo e de Nossa Senhora. Por isso, foi condenado à forca! Antes de ser condenado, pediu que o levassem à presença do Juiz que o condenara.

Concedida a autorização, levaram-no à residência do Juiz, que, nesse momento, se banqueteara com alguns amigos.

O galego voltou a afirmar que era inocente e, perante a incredulidade dos presentes, apontou para o galo assado que estava sobre a mesa, exclamando: «É tão certo eu estar inocente como certo é esse galo cantar se me enforcarem».

Risos e comentários não se fizeram esperar; mas, pelo sim e pelo não, ninguém tocou no galo. O que parecia impossível tornou-se, porém, realidade!

(Continua página dez)